

A EPOCA.

JORNAL

DE INDUSTRIA, SCIENCIAS, LITTERATURA, E BELLAS-ARTES.

INDUSTRIA E SCIENCIAS.

O GUIA E MANUAL DO CULTIVADOR.

(Continuado do n.º 16.)

459.º *Gesso.* A applicação do gesso ou do sulphato de cal como adubo dos terrenos não é muito antiga. E' ao pastor *Meyer* que a agricultura deve esta bella descoberta, que data de 1765, e que desde logo se espalhára rapidamente pela *Alemanha*, pela *Suissa*, e pela *França*. E' conhecida a maneira engenhosa porque *Franklin* generalizou o seu emprego na *America*. Para vencer a incredulidade dos seus compatriotas traçou em grossas letras, com o pó do gesso, e n'um campo de trevo (figura 6) ás portas de *Washington* as



seguintes palavras: « *Isto foi adubado com gesso.* » A acção estimulante deste adubo fez sobresahir aquellas palavras, que ficaram traçadas em relevo por caules mais vigorosos e verdes. Este factó observado por quantos entravam e saíam pelas portas da cidade foi mais convincente que todos os argumentos até então inutilmente produzidos — e o gesso popularizou-se desde então nos *Estados Unidos*. — E' com factos e não com theorias que se convencem os agricultores!

460.º E' ás leguminosas que principalmente convem o gesso; e como sabemos que elle entra na sua composição intima, é claro que deve obrar não só como estimulante, mas tambem como principio alimenticio. O seu effeito sobre as gramineas é contestado; entre tanto na *America* tem-se applicado aos

campos de milho com bastante vantagem. Emprega-se especialmente nos prados de luzerna, de trevo, de esparceto ou sanfeno, e augmenta notavelmente as suas produções. Mas tornando as plantas muito mais vigorosas e verdes, imprime-lhes todavia uma certa tendencia para se tornarem duras e lenhosas, devendo por esta razão ser cortadas um pouco no cedo. Tambem se emprega com successo sobre as favas, feijões, e ervilhas, mas com quanto augmente a produção torna com tudo os legumes mais difficeis de cozer.

461.º E' ordinariamente em pó que o gesso se emprega. Espalha-se sobre as folhas e tecidos verdes das plantas recentes em tempo socegado e humido; ou lança-se á terra metade do que se pertende empregar no acto da sementeira, e a outra metade na seguinte primavera.

462.º Applica-se na dóse de tres a quatro quintaes por geira; uma dóse maior poderia ser prejudicial, e nunca uma dóse menor deixa de produzir effeito mais ou menos sensivel.

463.º Não se deve applicar ás terras calcareas, e particularmente ás gipsosas, mas aproveita especialmente aos terrenos argilosos e siliciosos. E' preciso porém não esquecer, que o uso deste correctivo estimulante, assim como o de todos os outros reclama estrumes mais ou menos copiosos, para reparar as perdas que os terrenos experimentam em consequencia de uma mais energica vegetação.

464.º *Sal.* O *sal commum* ou das cozinhas (*hydrochlorato de soda*) é um estimulante que foi conhecido e usado pelos povos da mais remota antiguidade. No *Indostão* e na *China* entre os *assirios* e *egipcios* fez-se sempre deste adubo um uso muito extenso. Os inglezes applicam-no com grande vantagem ás culturas de trigo, de cevada, de batatas, e de forragens leguminosas. Em algumas provincias de *França* parece que começa a utilizar-se. A grande reputação que tem neste paiz os carneiros nutridos nos departamentos do Oeste é devida, segundo se suppõe, aos pastos ligeiramente adubados pelas nevoas do Oceano.

465.º Sabemos porém de algumas experiencias tentadas no nosso paiz, que não foram coroadas de felizes resultados; este adubo piorou durante alguns annos os terrenos em que fôra empregado provavelmente porque houve excesso na dóse — e na verdade

está demonstrado que as doses excessivas deste estimulante esterilizão por muitos annos o melhor terreno.

466.º As doses empregadas em Inglaterra diversificão segundo as plantas, e tambem deverão variar segundo a natureza dos terrenos. Nos campos de cevada e trigo costumão geralmente lançar de tres a quatro quintaes por geira; de dois a tres quintaes nos prados das leguminosas; e um pouco mais desta quantidade nas batatas.

467.º Mas estas doses talvez sejão todas excessivas para o nosso clima; e nós aconselhariamos os agricultores que quizessem servir-se deste adubo a que começassem por doses mais diminutas, e por pequenos ensaios, como convem sempre que se tratar de qualquer innovação.

468.º Cinzas. Os effeitos das cinzas como adubos estimulantes são muito notaveis; ellas tornão mais divisiveis os solos argilosos, mais consistentes os ligeiros, destroem as más hervas, activão consideravelmente a vegetação, e subministrão ao terreno muitos saes, que as plantas se approprião como alimentos, de modo que a sua acção é debaixo deste ponto de vista muito semelhante á dos estrumes.

469.º As cinzas de turfa, as vegetaes, as dos fornos de cal, do carvão de pedra, e das barrellas são as mais geralmente usadas.

470.º As cinzas de turfa são de uma applicação frequente nos paizes do norte, na Belgica, e na Flandres franceza. Na Alemanha fazem tambem um grande emprego da turfa, que tálhão em pedaços com a fórma de ladrilhos e queimão depois lentamente sobre grelhas de ferro; as cinzas resultantes destas *borralheiras* são applicadas com tal proveito que tem feito a fortuna de muitos cultivadores; daqui veio o proverbio «*Feliz o paiz que queima sua mãe.*» Os nossos agricultores podem nelle aprender uma util lição aproveitando de ora avante a turfa que apparece em muitas localidades do nosso solo. Nem é só a turfa que é assim aproveitada por meio das *borralheiras*; são tambem as leiras de terra por muito tempo inculta e arrelvada, que depois de reviradas pelo arado e de talhadas em pedaços quadrangulares são postas ou em pequenos montes, ou umas sobre as outras formando fornos, a que depois se deita fogo para assim as calcinar e aproveitar as cinzas das plantas que nellas se continhão.

471.º As queimadas são ainda outro meio muito usado no nosso paiz, na Hespanha, na França, na Sabeoia, &c. pelo qual utilisamos a maior parte das cinzas vegetaes. Os campos que ficaram incultos durante alguns annos, e que se cobriram de *carvalheiras*, de *urzes*, de *estevas*, de *cardos*, e de outras plantas, são submittidos ás queimadas para que as cinzas dellas resultantes fiquem adubando a terra. As queimadas não produzem porém sómente este effeito, mas modificão tambem o solo pela acção do fogo; dimi-

nuinto em certos casos a força da cohesão das partes terrosas.

472.º Pelo que respeita ás outras especies de cinzas acima mencionadas bastará saber, que ellas são muito proveitosas, particularmente ás culturas dos trigos, centeios e outras gramineas; que matão os insectos; que destroem muitas más hervas, e que se costumão espalhar sobre o solo no acto de lhe dar os ultimos ferros, ou no proprio acto da sementeira.

Estrumes.

473.º Os estrumes são adubos organicos provenientes de substancias animaes ou vegetaes, que pela sua decomposição offerecem ás plantas principios pela maior parte liquidos ou gazosos appropriados á sua nutrição.

474.º A natureza tão simples como providente dispoz em sua admiravel economia, que as gerações que morrem sirvão de alimento ás que lhes succedem. Assim os principios que entravão na composição das plantas ou dos animaes, que a vida abandonára, são restituídos á terra, á agoa ou ao ar, para irem novamente servir de principios elementares a outras plantas e a outros animaes que ainda gozão da vida. Esta é a razão porque os adubos organicos ou os estrumes são mais poderosos na vegetação do que os inorganicos: os primeiros não melhorão sómente a condição phisica dos terrenos, nem excitão simplesmente as forças vitaes das plantas como os segundos, mas subministrão-lhes tambem os seus principaes alimentos, que são as substancias carbonatadas e ammoniaes.

475.º E na verdade a sua acção phisica é incontestavel, por isso que elles communicão evidentemente divisibilidade ao solo tenaz; consistencia áquelle que é solto; frescura ao que é seco, e calor ao que é frio: a sua acção physiologica é revellada pela grande energia, que adquirem todos os actos vitaes logo depois do seu emprego—energia que pela rapidez com que se manifesta não póde attribuir-se ao acrescimento de nutrição, que estes adubos occasionão: e a sua acção chimica é de todas a mais pronunciada por isso que os quatro principios organogenceos, e os saes, que entrão na sua composição postos em liberdade, em virtude da sua decomposição putrida não podem deixar de subministrar ás plantas ricos elementos de nutrição.

476.º A acção por tanto dos estrumes é tão complexa como importante. Elles elevam a temperatura em torno das raizes e dos tecidos verdes das plantas—determinam essas correntes electricas que são uma consequencia da decomposição putrida dos detritos organicos, e que excitam fortemente a vegetação—ministram ás plantas, o acido carbonico, e a ammonia que são como já vimos os seus primeiros elementos nutritivos—fornecem-lhes além disso diversas soluções salinas que são indispensaveis á nutrição. Final-

mente resolvendo-se quasi inteiramente em substancias gazosas cercam as plantas de uma atmosphaera aereiforme e protectora que as defende até certo ponto dos rigores do clima ou das estações — em consequencia da sua avidéz pela humidade vão-na subtrahindo lentamente á atmosphaera para a fazer chegar até as raizes, tornando o solo mais fresco, mais poroso, mais accessivel a acção dos meteoros atmosphericos, e mais propicio por consequencia á vegetação.

477.º Em vista de tantas e tão poderosas influencias não devemos admirar-nos de que os estrumes sejam o nervo da vegetação e o pingue alimento da terra, e que a mais fertil cesse de produzir se não repararmos as suas forças por meio desta substancia reanimadora. E na verdade os estrumes devem ser considerados como a base fundamental de todas as culturas. E fora tão impossivel conservar a vida dos rebanhos sem pastagens, como manter a fecundidade das terras sem lhe restituir por meio dos estrumes a substancia nutritiva que lhe fôra subtrahida pelas diversas culturas a que andára submettida.

478.º « Com superabundancia de estrumes, diz *Schwern*, podem operar-se prodigios e fazer sahir da areia arida ricas colheitas de trigo; do mesmo modo que no mundo com muito dinheiro e sem outro metro real se podem prefazer muitas e bellas cousas. Mas de ordinario uma massa inexgotavel de estrumes está tanto a nossa disposição como uma rica mina de ouro. »

479.º As principaes condições com que o solo deve concorrer para facilitar a acção dos estrumes são *uma dada humidade, uma dada temperatura, e uma dada porosidade.*

480.º A humidade é necessaria á decomposição dos estrumes; e sem esta decomposição não podem os seus principios elementares ser absorvidos, e utilizados pelas plantas. Convem porém que a humidade não seja nem muito diminuta nem muito excessiva, por isso que no primeiro caso a decomposição, e por consequencia a evolução das substancias alimenticias, é consideravelmente retardada com prejuizo da vegetação; e no segundo é inteiramente paralisada, porque o ar, um dos agentes indispensaveis daquella decomposição, não podendo pôr-se em contacto com os detritos organicos pelo obstaculo que lhe offerece a agoa interposta ás suas molleculas, estes deixão de fermentar e de decompôr-se — e mesmo quando tenha ainda logar alguma decomposição, e por conseguinte algumas emanções nutritivas, estas não poderião ser aproveitadas pelas raizes no estado de edemacia e maceração, a que são sempre reduzidas pelo excesso do liquido aquoso. Donde resulta que o agricultor deve evitar com igual cuidado na applicação dos estrumes quer a falta, quer a superabundancia da humidade no solo se quizer tirar todo o possivel proveito daquelles fertilisadores agentes.

481.º A temperatura é tambem uma condição ne-

cessaria á acção dos detritos organicos; mas importa que não seja nem muito baixa, nem muito elevada; porque no primeiro caso é muito lenta a decomposição putrida, e no segundo snmmamente rapida. Ora é uma verdade theorica e praticamente reconhecida, que a acção dos estrumes será tanto mais proveitosa na vegetação, quanto a sua decomposição fôr mais gradualmente proporcionada á nutrição das plantas nas diversas epochas do seu desenvolvimento. — A temperatura mais adequada á melhor decomposição dos estrumes é a das nossas primaveras; e é nestas epochas que elles costumão geralmente lançar-se no solo.

482.º A porosidade do terreno é tambem uma condição muito importante, não só por subministrar ás emanções gazosas um proveitoso reservatorio; senão tambem por facultar a essas mesmas emanções, e ás soluções salinas um facil accesso até ás extremidades esponjosas da raizes.

483.º A questão de saber se o estrume deve ser enterrado no começo ou n'uma epocha mais adiantada da sua fermentação, quando aquella substancia fórma uma massa molle e cohesiva, que se deixa facilmente cortar com a enchada, é ainda um ponto controverso em que as conclusões da theoria se não conformão com os usos da pratica, que devem merecer-nos sempre grande contemplação, quando não são evidentemente absurdos ou prejudiciaes.

484.º Suppõe-se que os estrumes perdem consideravelmente da sua efficacia pelas substancias, que se desprendem no acto da sua fermentação; e que a emissão destas substancias lhes fazem perder talvez uma terça parte da sua virtude fertilisante. Tem-se por isso aconselhado aos agricultores, que os empreguem ainda verdes para o solo se poder impregnar dos principios que se havião de derramar na atmosphaera, se o seu emprego tivesse logar n'uma epocha mais avançada da sua decomposição.

485.º Os cultivadores porém tem recebido em todos os tempos estes conselhos com uma indifferença e incredulidade inabalavel; e semelhantes aos pequenos gansos que continuam a lançar-se n'agoa apesar das reiteradas appellações da gallinha que lhes serve de mãe, e que se allige loucamente com a sua obstinação, elles não tem prestado neste ponto a menor attenção aos agrónomos de gabinete. — De que lado estará pois a razão? Nós supponnos que é do lado dos agricultores praticos contra os agricultores theoricos.

486.º Supponnos na verdade que se tem exaggerado bastante as perdas, que os estrumes experimentam no começo da sua fermentação; e que os gazes, que então se desprendem, são pela maior parte aquosos. Estas exhalações são semelhantes ás que se elevam á superficie de um campo que acaba de ser lavrado, que são um resultado evidente da evaporação da humidade do solo. E' verdade que neste ultimo caso algum acido carbonico se desprende tambem; e que no primeiro se evolve igualmente, além desta

substancia, alguma ammonia; mas estas perdas são pouco importantes.

487.º Por outro lado é incontestavel que com os progressos da fermentação bastantes principios nutritivos se evolvem, com perda manifesta e grave da virtude fertilizadora dos estrumes, donde se deve inferir que nem estas substancias perdem em não ser desde logo empregadas apenas começa a fermentação; nem convirá certamente o seu emprego n'uma epoca muito posterior em que se encontrem já bastante depauperadas dos gazes uteis e nutritivos.

488.º Esta é em nosso entender a regra, que supponmos deve ser mais geralmente seguida, e tanto mais quanto é certo que os estrumes frescos, principalmente sendo animaes, communicam á maior parte das plantas um cheiro e um sabor desagradavel, que as torna repugnantes ao homem e aos animaes — e que a ammonia, que então se evolve, quasi no seu estado de pureza, chega muitas vezes a destruir a vegetação pela sua concentração e causticidade. E' porém indubitavel que se as terras fõrem fortes e frias, e se as culturas não estiverem eminentes, poderão empregar-se os estrumes um pouco mais verdes, e pelo contrario um pouco mais curtidos nas terras seccas e ligeiras, com tanto que as plantações ou as sementeiras se sigam quasi immediatamente ao seu emprego.

489.º Se os estrumes porém tiverem sido previamente misturados com a cal, com as cinzas, ou com o carvão vegetal o seu emprego segundo as experiencias de Mr. Payen poderá ter logar logo no começo da sua fermentação sem os inconvenientes indicados, e ainda com a vantagem de ser augmentada a sua força fertilizante, por isso que aquellas substancias tornão mais gradual e lenta a evolução das suas emanções nutritivas.

490.º Todas as substancias animaes ou vegetaes pôdem servir de estrumes quer sós, quer misturadas entre si ou com substancias mineraes; donde resulta dividirem-se os estrumes em *vegetaes*, *animaes*, *vegeto-animaes*, e *compostos*.

Estrumes vegetaes.

491.º Os estrumes vegetaes foram empregados desde a mais remota antiguidade. Os primeiros agricultores aprenderam logo da natureza o uso deste adubo; porque é com elle que ella repara geralmente as perdas occasionadas pela vegetação. — Os gregos e os romanos segundo o dizer de *Theophrasto*, e de *Plinio Olixio* utilisaram sempre os estrumes vegetaes na grande cultura. Era costume entre aquelles povos fazer extensas sementeiras de *tremoços* e *favas*, não por lhes recolher o fructo, mas para os enterrar pouco depois da epoca da floração com o fim de adubar os terrenos, e de os predispor para novas culturas. Esta mesma pratica foi depois seguida na *Italia*, na *França*, e em varios outros paizes. Na *Toscana* semea-se o *milho grosso* no

mez de Agosto para o enterrar nos fins de Outubro. No *Piemonte* semeia-se geralmente o centeio e enterra-se quando começa a espigar com o fim de robustecer as terras destinadas á cultura do *canamo*. Na *Hespanha* e mesmo em alguns pontos de *Portugal* usa-se principalmente dos *tremoços*; assim como do *trigo sarraceno* em alguns departamentos de *França*.

492.º As vantagens destes estrumes vegetaes verdes são incontestaveis. Em primeiro logar podem produzir-se á vontade, e generalisar-se segundo as exigencias das diversas culturas por mais extensas que ellas sejam. São além disto pouco custosos e produzem excellentes resultados. Restituem á terra muito mais do que lhe haviam subtrahido; porque como as plantas são enterradas no começo da floração, isto é, na epoca em que os seus principios elementares tem sido absorvidos mais na atmospherá do que no solo; vem este a receber mais do que dispendera, e fica consideravelmente enriquecido com os despojos de uma vegetação vigorosa e succulenta.

493.º As particulares circumstancias tanto do nosso clima como da nossa agricultura reclamam imperiosamente o emprego destes estrumes. A falta infelizmente geral de gados, e por consequencia de estrumes animaes; assim como o predominio da grande sobre a pequena cultura no sul do reino, devem decidir os nossos agricultores a preferir aquella casta de adubos. A sua adopção ainda é particularmente requerida pela muito geral aridez do nosso solo, e pela temperatura um pouco elevada do nosso clima; porque é demonstrado que os estrumes verdes vegetaes tornam as terras mais frescas e humidas: e daqui provém o não serem adoptados nos paizes do norte senão em localidades e circumstancias excepçionaes. E na verdade apezar de algumas experiencias felizes feitas em *Inglaterra* e na *Irlanda* os cultivadores deste e d'outros paizes do norte tem renunciado a este modo particular de estrumar, olhando como muito mais vantajoso o emprego daquellas plantas na sustentação dos gados.

494.º As favas tem sido recommendadas como o melhor dos estrumes verdes para adubar os terrenos destinados á cultura dos cereaes, e particularmente do trigo. Estes estrumes podem com o tempo communicar aos terrenos mais fracos uma grande productividade. Devem ceifar-se durante o curso da floração e enterrar-se immediatamente depois. Acreditando que esta pratica pode ser especialmente vantajosa no nosso paiz; aconselhamos os nossos lavradores a que a ensaiassem principalmente nos terrenos silico-argilosos, e calcareos. — Nas localidades em que não se puder renunciar ao systema dos pousios — systema que só lentamente se pôde ir abandonando e que em certas localidades apenas se deve modificar — estes poderiam tornar-se menos prejudiciaes adoptando-se este modo de estrumar e além disto lavouras frequentes, e repetidas durante o tempo de descanso dado ás terras.

495.º Nos terrenos proximos ao mar devem aproveitar-se como excellentes adubos os *fucus*, vulgarmente conhecidos pelos nomes de *sargasso dos mares* e *carvalho marinho*, as *confervas* e outras especies de *algas*, e geralmente todas as plantas maritimas.

José Maria Granda.

(Continua.)

Convencidos da boa fé da Classe Medica Portuguesa, não podemos contemplar o afan, com que se dá a estudar os meios de prevenir a invasão da cholera morbus, e attenuar os seus maleficos effeitos, caso não possa ser prevenida, sem que por parte do senso commum chamemos a attenção desta classe sobre as difficuldades, talvez impossibilidades, de tornar proficuos seus bons desejos, tomando sobre si só uma empreza tão vasta, e completa. — E' nosso intento separar, o que só á sciencia por via de seus professores cabe, daquillo que por sua natureza pôde caber ás outras classes, e pela maior parte pertence essencialmente ás autoridades administrativas das differentes ordens do estado.

Primeira questão que se offerece quanto á invasão.

Pôde a cholera ser importada por qualquer dos meios d'importação, sujeitos á prevenção dos homens? — Ou a resposta é negativa, e então demonstrada fica a nullidade de todos os projectos com o fim d'obviar a sua invasão, quer peque pela impossibilidade da importação, quer pela inefficacia da prevenção; ou é affirmativa, e neste caso cumpre estabelecer, já por sabido, já por supposto, o meio de sua transmissão para o contrariar.

Ha só dois modos de chegar ao conhecimento das verdades ideologicas « *a priori*, e *a posteriori* » e sendo por ora o 1.º um puro luxo da ideologia, quando applicada á grande sciencia da vida fisica, esperamos, que não se agastará a medicina por lhe indicarmos o roteiro, que ha-de seguir — o dos signaes, e effeitos collhidos pela observação.

Para fundamentar qualquer meio de prevenção, depois do que fica dito, é mister, que a medicina, como sciencia, e não como authoridade, nos diga, em resultado de dados estatisticos, se esta transmissão se faz por via das pessoas, e das cousas, ou só por uma destas vias. — Admittida a transmissão da cholera morbus asiatica por qualquer das vias apontadas, ou por todas copulativamente, é forçoso regular a incommunição absoluta, ou durante um periodo determinado, e determinadas condições: e regulada — no 1.º caso pôde ser commettida a execução deste encargo a uma authority cujas habilitações sejam prohibidade, e força, porque nada ha mais que fazer, do que velar pela incommunição, e de certo não se fará dis-

to uma questão technica: — no 2.º deverá a fiscalisação competente recahir em quem ás duas qualificações referidas ajuntar a dos conhecimentos medicos, devendo para muitas hypotheses ter á sua disposição auxilios materiaes, e pessoas d'antemão fornecidos; e casos ha, em que são tão indispensaveis certas condições locais, que só n'um, ou n'outro ponto se poderá satisfazer ás condições previas da admissibilidade.

E note-se, que determinar para o segundo caso um periodo, e condições, é tão indispensavel, que não obstante importar um arbitrio, obsta a um milhão d'arbitrariedades, como adiante faremos ver; mas pelo facto de ser um arbitrio authorisado não pôde irrogar responsabilidade, e consequentemente não é attribuição que se conceda a nenhuma authority de nomeação do governo, mas sim é da competencia da faculdade medica de Coimbra.

Fixado o periodo, isto é, o tempo julgado necessario para destruir os receios, quanto á susceptibilidade das pessoas, cuja livre pratica se pede em qualquer ponto do paiz, e satisfeitas as outras condições (reguladas) quanto ás cousas, e algumas mesmo quanto ás pessoas, o serviço da fiscalisação da saude publica não ficará perfeito, mas será isempto de escandalosas imperfeições.

Supponha-se que os principios estabelecidos não são exactos, e consequentemente votem-se ao desprezo.

Não se fixe termo na extensão de tempo, nem de espaço á influencia da cholera morbus; que resultará?

Ou em cada ponto da raia e littoral do reino se ha-de collocar uma entidade medica para decidir os casos occorrentes por arbitrio proprio, ou essas entidades locais ha-de sujeitar-se ao arbitrio d'uma outra central: no 1.º caso acontecerá, que serão tantas as variedades, e desconformidades nas providencias, que se adoptarem nos differentes pontos de fiscalisação, quantos forem esses pontos: — no 2.º terá cada fiscal de consultar a authority central para cada occorrença dada, o que dará de si tal morosidade, que as relações commerciaes, ou acabarão ou diminuirão infinitamente, e em ambos os casos o arbitrio é incompetente. Observe-se, que em todas as hypotheses entra o arbitrio, com a differença, que nestas ultimas, trazidas para contra prova da bondade relativa, da que nós defendemos, se estabelece de direito para cada um dos milhares de hypotheses possiveis; em quanto que na outra admitte-se como um facto d'origem competente, facto, que por ser abstracto, não tem nenhum dos inconvenientes dos outros, que por muito concretos offerecem occasiões tentadoras para tantos arbitros irresponsaveis, sendo a propria irresponsabilidade mais uma causa de tentação. Advirta-se, que nós, quando assim fallamos, não irrogamos censura á classe medica, pelo contrario queremos julgal-a menos sujeita, do que muitas outras, a estas imperfeições, mas ellas são da humanidade, e os medicos tambem são homens. — Em vista das considera-

ções emittidas fica evidente, que é indispensavel um centro de fiscalisação sanitaria, depois de julgadas competentemente as questões de prevençõ em these, e em these igualmente arbitrado um certo alcance á influencia epidemica em tempo e em espaço para que fiscalise a sua applicação ás hypotheses do serviço sanitario.

Feito isto; estabelecido por exemplo, que a cholera é transmissivel pelas pessoas, no estado latente, por tempo de 12 dias, que a sua influencia local se estende a 12 legoas; que resta a fazer? No centro da fiscalisação nada, nos portos, e fronteiras examinar, se as pessoas, que vindo de paizes estranhos pretendem entrada no nosso, são ou não procedentes de paragens sitas nos limites inficionados, e se a data da sua procedencia está ou não incluída no numero dos dias suspeitos.

Verificada a insuspeição do logar da sua procedencia franquea-se-lhe a entrada, e no caso contrario retém-se incommunicavel até expirar o praso dos doze dias, se o estado de saude não apresentar fenomeno suspeito.

O que fica dito a respeito das pessoas suspeitas entende-se, quando durante a viagem não tiverem communicado com outras de maior grau de suspeição, aliás são equiparadas a este ultimo, ou tendo occorrido molestia na viagem, e a extensão do tempo suspeito começa a marcar-se da data da occorrença, ou de qualquer outra data, segundo a sciencia o julgar; fique-se pois sabendo que toda a policia medica para obviar a introduccão do contagio por via das pessoas nas circumstancias antecedentes depende de voto facultativo da medicina só em fixar por arbitrio os limites de tempo e de logar, da influencia malefica do contagio, e em verificar o estado de saude no acto da visita, e durante o tempo d'observação nas estações parciais de fiscalisação sanitaria.

Se pois todas as relações com os outros paizes se reduzissem ás ponderadas ficava demonstrado, que na repartição central administrativa de saude publica não

ha objectos technicos a tratar, ha tão sómente veditos da sciencia a receber e transmittir; pelo contrario nas estações subalternas a assistencia medica não se póde dispensar, para confrontar as hypotheses com as theses.

O objecto é porém mais vasto. — A fiscalisação preventiva, quanto á invasão tem mais variantes. — Não só as pessoas, tambem as cousas nos podem transmitir esse germen mortifero.

O que fica exposto, quanto ás pessoas, para demonstrar a necessidade d'um arbitrio em relação ao limite, em espaço, da influencia choleric, subsiste quanto ás cousas, o limite porém de tempo é que póde variar; mas pelas razões expendidas sempre se ha-de fixar um, embora tenha principio no acto da chegada, da descarga, ou da beneficiação, a que segundo o regulamento tiver que sujeitar-se; embora mesmo não obstante ser só razoavel — o tempo de 12 dias para as pessoas que tratassem d'essa beneficiação, e para as outras que tiverem communicado; e bem assim o dar-se immediata practica ás cousas beneficiadas — se não faça isto; o certo é que se hão-de fixar condições e marcar praso: — fixadas ellas e marcado elle, o que é tambem um arbitrio, e por isso pertence á faculdade de medicina da universidade; — que ha de technico na repartição central? Nada; suppondo, como se deve suppôr, que o regulamento para beneficiações já está feito, e estabelecidos os meios desinfectantes, que ainda assim ambas estas especies na parte technica pertencem igualmente á referida faculdade de Coimbra.

Admitta-se porém, ainda que deslocado seja, que todos os arbitrios apontados se committem á repartição central de saude; admittida fica a necessidade de medicos n'esse centro, mas tão temporaria a sua existencia, quanto insta para o serviço das estações a sua expedição.

No seguinte artigo trataremos da policia sanitaria interna.

J. A. A. Dias Veneiros.

LITTERATURA E BELLAS-ARTES.



A ARTE.

GRECIA PRIMITIVA.

A Grecia foi o berço da civilização occidental: o espirito da Europa moderna, a mobilidade moral, a sede insaciavel de progresso que a caracterisam, manifestaram-se primeiro naquelle povo, dotado pela natureza do genio, e profundamente penetrado do sentimento esthetico mais elevado.

A civilização immutavel e trivial do Oriente, chegando á Grecia, perdeu o seu caracter tenebroso, tornou-se bella, humanisou-se. Muitas religiões diversas se encontraram aqui, e se combateram com a violencia do fanatismo; porém, em vez de transformarem a Grecia, foi ella que as transformou. O individualismo, a lucta contra o destino, substituiu a idéa do ab-

soluto, immutavel e indefinido da India: o simbolismo religioso foi apagado para dar lugar á imagem epica: o bello foi anteposto a todo o principio ideal; o homem pela perfeição subiu á cathogoria de Deus.

A transformação com tudo não foi immediata: ha um periodo remoto da historia grega em que as religiões, importadas de longes terras, ficaram distinctas, em que as theocracias dominavam as raças primitivas. Neste periodo houve luctas crueis de religião contra religião, de raça contra raça: por vezes um povo inteiro desaparecia, extinguiu-se debaixo do jugo de outro povo vencedor; por vezes, depois do combate, duas raças oppostas se uniam n'uma só familia, para no dia seguinte voltarem a pelear com algum inimigo commum.

Nessa epoca, aquelles que depois foram os deuses da mythologia grega não reccebiam um culto univer-

sal. Apollo era adorado no Norte da Thessalia, quando Baccho guiava as orgias da Beocia, e Neptuno recebia sacrificios em Corintho. Mais tarde os mysterios sahiam dos templos, foram revelados, e transformados pelos cantos dos poetas, e as inspirações do povo: de todos os cultos particulares formou-se uma religião nacional, que não teve nunca a unidade de um systema, mas que um caracter geral de belleza e grandeza esthetica tornava conveniente para um povo sensivel, livre, e deseioso de estabelecer sobre bases sociaes a independencia e importancia individual.

A antipathia das raças que, fomentada por theocracias fanaticas e pela necessidade de expansão de povos primitivos, causou os primeiros cataclismos na Grecia, foi-se extinguindo pouco a pouco, pela acção do tempo, e sobre tudo pela influencia dos jogos instituidos por Hercules e Theseu, do conselho nacional dos Amphictiões, que decidia as pendencias dos povos, do Templo de Delphos centro religioso para todos os gregos, e em fim das expedições longiquas emprehendidas simultaneamente por muitos dos pequenos estados em que se dividia a Grecia de então.

Esta epoca de movimento, de conquistas, de alianças reciprocas, fórma a idade heroica da Grecia; idade em que os homens se transformam em semi-deuses, em que os crimes são tremendos e as virtudes admiraveis, em que as vinganças são atrozes e as amizades inviolaveis; idade, em que o fatalismo domina e o sacerdocio decêe, em que Oedipo assassina o proprio pae e faz um casamento incestuoso com sua mãe, em que Thyestes, tambem manchado pelo incesto, se vinga de Atreu seu irmão pelo adulterio; epoca em fim selvagem, grande, feroz, brilhante, e terrivel.

O ultimo acto da *idade heroica* foi a guerra de Troia, em que tomaram parte todos os Gregos, conduzidos por Agamemnon e Menelâu: guerra de dez annos, em que as nações da Grecia esqueceram os seus reis que combatiam ao longe, em que as esposas devassas e os filhos ambiciosos prepararam aos heroes o quadro de horrores e de sangue, que lhes amargurou cruelmente a hora em que chegaram á patria.

A Grecia teve, depois deste periodo, tradições communs que a uniam n'um só corpo, uma religião unica ainda que pouco poderosa, e um pensamento geral, o do engrandecimento e regeneração interna das cidades pela liberdade. Os reis caíram pelo poder das oligarchias, e estas forão abatidas pela força dos povos. Este ultimo pensamento trouxe novas divisões, novas luctas para a Grecia: as rivalidades de cidades para cidades, a ambição de preponderancia das mais ricas ou das mais fortes — doença de que morrem todas as federações — causou essas guerras parciaes, que tanto enfraqueceram a Grecia, e tão facil tornaram a sua conquista aos Romanos.

A estas tres epocas em que se divide a historia politica:

1.º Theocracia:

2.º Tempos heroicos:

3.º Formação e desenvolvimento das republicas:

Correspondem nas artes outros tres periodos, que são:

1.º Infancia das artes:

2.º Aperfeiçoamento rapido:

3.º Desenvolvimento completo: determinação dos typos perfeitos.

O primeiro periodo historico começa com os primeiros homens que habitaram a Grecia. A escriptura conta-nos que um ramo da raça Japhetica, que occupou as ilhas da costa occidental da Asia-menor, se estendeu mais tarde pelas ilhas europeas. Das tribus que vivião nas costas do mar Caspio e do Ponto-Euxino, uma denominada Pelagia, estabeleceu-se na Thessalia e na Beocia, e occupou algumas ilhas. Esta tribu encontrou na Grecia uma raça de homens que se viu na necessidade de combater e subjugar.

Os Pelagios occuparam o paiz que fica entre o Arno e o Bosphoro: a sua influencia sobre a civilização é manifesta. A Arcadia, a Attica, a Argolida, a Etruria, o Latio estão cubertos de enormes construcções alevantadas por elles, e que se denominam por esta razão *pelagicas*: a tradição diz-nos que estes homens fortes ensinaram as artes na Italia, que cultivaram a Thessalia, e abriram as minas da Samothracia. Os reinos de Argos e Sicyona foram fundados pelos Pelagios; as dynastias de Thebas, de Teryntho, de Mycenae, e de Lycasura tiravam origem daquelle povo.

Colonias estrangeiras, vindas do Oriente, trouxeram novos elementos á civilização grega. Destas colonias as principaes são: a de Cécrops, formada de Egiptios; a de Danao que partiu tambem do Egypto; a de Cádmo vinda da Phenicia. A fundação de muitas cidades gregas data do tempo em que as colonias aportaram a este paiz.

Por combates e migrações successivas os Hellenos, descendentes de Prometheu, expulsaram os Pelagios das terras por elles conquistadas. Foi então que os principios e crenças da sociedade primitiva começaram a ser modificadas pelas idéas orientaes, e que tiveram logar os feitos brilhantes da *idade heroica*.

No fim desta *idade* apparece Homéro, cuja poesia transforma a sociedade grega: a religião, encerrada por elle no circulo da poesia, cria as bellas-artes; seus cantos sublimes produzem os valentes de Marathon e d'Arbellas; a idéa do bello fixa-se e generalisa-se. De Homéro nasceram as artes da Grecia, como do Dante se deduziu a arte christã.

Antes da transformação produzida nas artes pelo poeta em parte, em parte pela influencia das colonias orientaes, os monumentos, ou eram construidos com enormes rochedos, dispostos uns sobre os outros, sem cimento, segundo o systema *pelagico* ou *cyclopico*, ou eram simples cabanas de madeira bruta e de barro.

O templo de Delphos era apenas cuberto de rames de louro entrelaçados; o Areopago foi edificado com

barro. Em Homéro encontra-se a descripção de palacios *splendidos* compostos apenas de uma salla, de um portico, de antecamara e camara; os tétos baixos e planos assentavam sobre espeques de madeira, a que se suspendiam armas; as paredes eram cubertas de laminas de cobre; portas de ouro sexavam a entrada do edificio: pregadas na parede havia cadeiras cubertas de estofos finissimos.

As primeiras esculpturas foram de madeira. Conta que a primeira estatua que os gregos viram fóra a de Minerva, trazida do Egipto por Cécrops. A Diana d'Epheso conservava o character oriental, a immobillidade, a fórma tradicional: o seu corpo era cercado de faxas hieroglyphicas como o das mumias. Só quando, mais tarde, a poesia venceu o symbolismo, é que a esculptura se poudo desenvolver pela inspiração individual.

O uso de construcções feitas de enormes pedras brutas, ou apenas afeiçoadas pela mão do homem, tem sido universal: todos os povos na infancia da civilização as empregam, ou para perpetuar a memoria de algum feito notavel, ou para indicar o logar das sepulturas dos personagens de importancia, ou para fins religiosos, ou finalmente para guardarem as habitações dos ataques dos inimigos.

Na Grecia os Pelagios construíram grande numero de monumentos desta especie. Proximo a Smirna encontram-se as ruínas da cidadella construída por Tantalos, e que um aballo subterraneo destruiu ha dois mil annos. No cimo de um monte elevam-se muros, ainda bem conservados, feitos de pedra afeiçoada mas sem cimento: um fosso aberto na rocha cerca a cidadella. Proximo dos muros vê-se o tumulo de Tantalos, cujo embasamento circular, de construcção *pelagica*, tem no centro uma camara com o cadaver. Em roda estão ainda uns desanove *tumulos* pertencentes á necropole de Sipyla.

Em Orchomèna, proximo de Sparta, existem monumentos deste mesmo genero: a Sardanha e as ilhas Baleáres abundam em abobadas sepulchraes construídos pelo processo *cyclopico*.

As ruínas da cidade de Mycenas são o mais importante monumento da architectura *cyclopica*, que a Grecia possui. Mycenas, edificada por Myceneu mil setecentos annos antes de Christo, foi reconstruída e augmentada por Perseu: a sua fórma era tão bella, as suas ruas tão largas e elegantes, que mereceram ser celebradas nos cantos de Homéro, que deu á cidade o epiteto de *bem edificada*.

A Acropolis (*cidadella*) de Mycenas, construída sobre um outeiro, tem uma figura irregular, mas que se aproxima do triangulo; a muralha que a cerca segue as sinuosidades do rochedo, e é liza, sem nenhuma torre. Esta muralha é construída de diversos modos, o que indica que não foi alevantada toda na mesma epoca: parte é formada de pedras rectangulares sobrepostas de modo que as juntas se correspondem;

n'outros sitios as pedras que a compõem teem uma fórma poligonal irregular; e n'outros em fim, proximo ás portas, as rochas afeiçoadas em parallelepipedos estão dispostas regularmente segundo o modo hoje usado.

Tres portas dão entrada para a Acropolis. Duas pequenas: uma ao norte construída só com tres pedras enormes; outra de uma forma aguda, que se acha hoje quasi encondida pelo entulho e as ervas que junto della se teem accumulado: a terceira porta, que é a maior e a principal, goza de uma grande celebridade entre os antiquarios, e é conhecida pelo nome de *Porta dos Leões*.

A *Porta dos Leões* é precedida por uma estrada fechada entre duas muralhas de pedras rectangulares: por cima da porta ha um baixo-relevo, que é considerado como o monumento de arte mais antigo que possuimos, pertencente á *idade heroica*. Este baixo-relevo, sculpido n'uma pedra triangular, consta de um pilar semi-circular que tem bastante analogia, na sua fórma geral, com os pilares de ordem dórica; aos lados deste pilar alevantam-se dois animaes, cujos pés de diante se apoiam no seu embasamento, e os de traz na architrave da porta. Estes animaes, já sem cabeça, são com razão considerados como leões. O baixo-relevo, ainda que tão grosseiro, que parece ter sido feito só a martello, tem um character tão severo, que produz impressão nos que o contemplam.

O pilar da porta de Mycenas e os dois leões, teem significação semelhante á dos baixos-relevos religiosos da Persia. O pilar é o altar do fogo, o *atschdan* dos Persas; os dois leões são os emblemas de Mithra.

Proximo da Acropolis encontram-se grandes construcções de cantaria, uma das quaes é a que os viajantes denominam Tumulo d'Agamemnon ou thesouraria d'Atreu. Esta ultima denominação parece ser a que melhor cabe ao edificio, a que nos referiamos; a sua similhaça com a thesouraria de Mynias, de que Pansanias nos deixou a descripção, é tão grande que não pôde haver quasi duvida a este respeito. E' com tudo possivel que o monumento de Mycenas fosse ao mesmo tempo um tumulo e uma thesouraria: o exemplo de Philopœmen, enterrado no thesouro de Mycenas, auctorisa-nos a fazer uma tal hypothese.

A thesouraria d'Atreu é, como a *Porta dos Leões*, precedida por um corredor ou estrada, fechada entre duas muralhas de cantaria solta. No fim deste corredor está a porta do monumento, de que damos a estampa no principio deste artigo: esta porta é, na base da largura de 3 metros 17 centímetros, e no cimo de 2 metros 32 centímetros; a altura é de 6 metros 30 centímetros. A faxada é toda construída de grandes pedras esquadradas, de uma *brecha* de grãos grossos e angulosos, de cor carregada, unidos por uma substancia amarellada: a sua parte mais admiravel é a *virga* da porta, formada de duas pedras immensas sobrepostas, a maior das quizes deve ter proximamente

o pezo de 168,684 kilogramas, (344,115 libras); a face da verga é ornada de duas molduras parallelas que descem pela umbreira.

Por cima da verga da porta ha um nicho triangular, que provavelmente continha n'outro tempo algum baixo-relevo como o da porta dos Liões, que cahiu e desapareceu por algum accidente.

Interiormente este edificio consta de uma grande sala circular, cuberta por uma abobeda de figura parabolica. A abobada não é construída como as nossas abobadas de hoje: pedras collocadas horizontalmente umas sobre as outras, e cortadas apenas pelo lado de dentro em curva, constituem o artificio da construção. E' claro que as pedras assim dispostas, escorregam facilmente, e por isso dão pouca solidez ao monumento; de feito na parte que fica fronteira á porta, o edificio acha-se muito arruinado já.

Nas paredes da sala conservam-se ainda cravados grandes pregos de bronze; o que faz suspeitar que noutro tempo ella era ornada de esculpturas, ou de laminas de metal.

A' direita da sala principal ha outra mais pequena, de figura rectangular, aberta na rocha viva, e sem nenhuma alvenaria. E' aqui talvez que foi noutro tempo deposto o cadaver de algum individuo importante de Mycenae; mas até hoje ainda se lhe não encontrou o sarcófago.

Não foi, já o dissemos, particular a um povo só o uso dos monumentos construídos de pedras soltas e toscas: na primeira epoca da sua civilisação todos os povos alevantaram monumentos deste genero. Além daquelles que se pôdem attribuir aos Pelagios, e que cobrem a superficie da Grecia e da Italia, ha na Europa outros espalhados pela Inglaterra pela Germania, e pela Gallia, que se devem attribuir a uma outra raça primitiva; aos Celtas.

Os monumentos Celtas teem merecido nestes ultimos tempos muita consideração aos archeólogos: sociedades scientificas com o fim de os estudar foram organisadas em Inglaterra e França, e as suas lucubrações teem fructificado bastante.

A fórma mais simples destes monumentos é a de pedras toscas, plantadas perpendicularmente ao sólo, e isoladas. Estas teem a denominação de *men-hirs*; e em alguns pontos de França chamam-lhe tambem *ladrères*, da palavra celtica *lac'h* que quer dizer *pedra chata*; é talvez tambem desta palavra que vem o nome de *ladeira*, que nós damos ás encostas ingremes. O *men-hirs* era empregado, ou como monumento de gloria, ou como signal de uma sepultura, ou em fim como marco para fixar limites ás propriedades ou ás nações.

Os *dolmens* constituem outra especie de monumentos celtas. Estes pôdem ser mais ou menos complicados: alguns são apenas formados de duas pedras, uma plantada na terra como se fóra um *men-hir*, outra inclinada, tendo uma extremidade no chão e a outra

apoiada na pedra vertical: alguns *dolmens* são compostos de tres pedras que apresentam, pelo modo porque estão dispostas, a apparencia de uma meza: alguns em fim são muito mais perfeitos, porque além das tres pedras que constituem os da fórma antecedente, teem outras que lhes fecham um dos lados. Os *dolmens* eram os altares em que os druidas faziam os sacrificios; sobre elles correu o sangue humano, durante as terriveis cerimoniaes daquella religião tenebrosa. Entre nós os *dolmens* são designados pelo nome de *antas*; e encontram-se entre o Porto e Almeida, proximo d'Evora, entre Montemór e Arraiolos, &c.

Entre todos os monumentos celtas os mais extraordinarios são, sem nenhuma duvida as *pedras vacillantes*. As *pedras vacillantes*, como o seu nome o indica, são monumentos formados de uma grande rocha posta sobre outra, ou acente no chão, mas de modo que um pequeno impulso a pôde fazer oscilar. Estes monumentos são maravilhas mechanicas, que parecem fructo de profundos conhecimentos sobre as leis do equilibrio dos corpos e da gravitação: o mais volumoso de todos é o de Perros-Guyrede em França; tem 14 metros de comprimento e 7 de grossura, é chato na superficie superior, e na inferior tem uma ponta com que se apoia sobre uma rocha: o equilibrio é tal que um homem pôde com facilidade pôr em movimento esta massa que peza talvez 400,000 kilogrammos.

Os *tumulos*, montes de terra alevantados sobre ás sepulturas, foram tambem de um uso geral nos tempos de simplicidade primitiva. Os Lydios, segundo nos conta Herodoto, erigiram sobre o sepulchro do rei Alythas um monte de terra que tiha seis *stádios* de circumferencia. Homéro descreve um *tumulo* que Achilles alevantou ao seu amigo Patrócle. « Diante de Troia, a alguma distancia das muralhas, diz Homéro n'outro lugar do seu poema, ha um outeiro de bastante extensão, que os deuses chamam o *tumulo* do ligeiro Myrimo.»

Achilles tambem teve um *tumulo* deste genero no promontorio de Sigéu: Seneca diz que Pirro para immolar Polixena aos manes do heroe *ardui sublimis montis tetigit*. O *tumulo* de Nino era um monte tão elevado que de longe se confundia com a cidadella de Ninive.

Virgilio na Eneida conta-nos que os Latinos alevantaram um monte de terra sobre os corpos dos seus, que tiham morrido n'uma batalha:

*Mærentes altum cinerem, et confusa rucant
Ossa focis, tepidoque onerabant aggere terra.*

N'outro lugar da Eneida vê-se claramente que Enéas alevantou um *tumulo* a Polydoro:

*Ergo instauramus Polydoro funus et ingens
Aggeritur tumulo tellus.*

Os sepulchros da Italia que se attribuem aos Etrus-

cos eram tambem montes de terra, ás vezes reyestidos de alvenaria.

Na Asia encontram-se destes monumentos em quasi todos os pontos onde viveu n'outro tempo algum povo importante. A America não só possui grande numero de *tumulos*, mas tem monumentos do genero *cyclopico*, isto é, feitos de pedras brutas de grandes dimensões quasi por toda a parte. Proximo do Rio de Janeiro ha uma pedra bastante elevada, denominada a *pedra dos gentios*, que é um monumento do genero dos *men-hirs*.

No seu principio a arte grega, como acabamos de ver, não differiu muito da dos outros paizes incultos ainda; foi rude, grosseira, grande só pela grandezza material; symbolica como a do oriente, simples e selvagem como a do occidente.

Foi Homéro, ou antes o espirito nacional de que Homéro é o representante, quem deu um caracter particular ás artes na Grecia, quem desenvolveu o espirito esthético, quem formou o gosto e levou as inspirações dos homens de genio á conquista do *bello*.

Do fim da guerra de Troia data um periodo brilhante da historia das bellas-artes; periodo de desenvolvimento e progresso que se prolonga até ao reinado de Alexandre.

E' neste periodo que os governos livres se estabeleceram em todas as cidades da Grecia: e que os heroes republicanos, inspirados pelo amor da patria, derrotaram em batalhas sublimes os invasores estrangeiros.

J. de Andrade Corvo.

ODIO VELHO NÃO CANÇA.

ROMANCE HISTORICO.

CAPITULO XIV.

O Oratorio.

(Continuado do n.º 16.)

— « Oh, padre, quem me arrancára daqui este coração, que tão frio ha-de estar logo! O que sinto não o posso dizer, sei só que endoudeço. Amo-a, como não amei minha mãe, mais do que adoro a Christo. Agora mesmo parece-me que está ao meu lado. Tenho nos ouvidos o som da sua voz, e nos olhos o sorriso da sua bocca. Diante da morte esqueço-me de Deus, e vejo-a só a ella. »

— « Animo, filho. E' uma mulher que perdes; e vaes ganhar o céu. Vamos! Elle ha-de-nos dar força para vencer a fraqueza do coração. Cavalleiro de Christo, queres que digam, que tiveste medo de morrer? »

— « Medo! . . . Quem tenho eu no mundo? O medo é só para os que ainda esperam. »

— « Pois sim; vamo-nos conformando com a vontade de Deus. E' levantar a vista para elle e pôr o coração nas suas mãos. »

— « Não me pèza da morte, devoto monge — custa-me só morrer daquella mão. »

— « Pois bem; não te lembres mais della. Esquece-a. Volte-mo-nos para o Senhor, pedindo-lhe que nos esforce e nos allumie neste passo, que nos adoce as amarguras ardentes deste calix. . . . »

— « Padre, o proprio Deus tremeu de lhe pegar! . . . »

— « E' verdade; a carne é fraca, treme. . . E tanto faz morrer encostando a cabeça áquelle cepo, como deitando-a no frouxel do leito, ou de uma sêta. . . . E' suppôr que veiu e que nos feriu. . . . »

— « Quem me dera a lança d'um cavalleiro. »

— « E' fallar com o mundo, e não como christão. O que Deus dispõe é o melhor. »

Em quanto o monge fallava as faces do moço cavalleiro accendiam-se em vermelhidão febril; os olhos, pasmados e a encovar-se nas orbitas, seguiam as nuvens, que se conglobavam no cerebro; o coração, prezo, ou atropellado, agora estacava, que se não percebia, logo palpitava querendo arrambar o peito. As veias frontaes entumeciam; bagas de suor gelayam-se na testa, e as arterias batiam descompassadas. Era uma agonia peor que a da morte, se ha agonia maior que a do ultimo soluço. Nem uma lagrima! . . . As grandes tempestades são de fogo.

De repente o infeliz, na convulsão do delirio, apertando a mão do frade, com tal raiva, que lha esmigalhava, bradou em voz stridente:

— « Demonio tentador, cuidas que não te vejo, que não te ouço? . . . »

— « E's escravo da minha lança. Dizes que vou morrer; mentes espirito das trevas, mentes! »

E largando com impeto a mão de Fr. Munio, continuou com uma dessas risadas da demencia, que estallam nos ouvidos, e cortam de horror:

— « Tenho ainda tanto que viver no mundo! »

— « Virgem do céu, pelas dores do teu amor, amercea-te deste desaventurado, porque a sua paixão é terrivel, e a bocca não sabe o que diz. »

— « Amor! » — proseguia o cavalleiro, que semelhante aos que sonham em somno leve julgava pelear com inviziveis interlocutores. — « Amor! . . . No inferno não ha amor. » — E abaixando a voz como quem falla em segredo — « ha ciume, traição, escarneo. . . Não pôde ser! Ella trahir-me?! . . . Demonio, a calumnia foi sempre a tua lingua e a inveja o teu espirito. . . . Escuta! » — Gomes Lourenço, não adivinhas que te amo? — « Não a ouves? Foge tentação do desespero. Sonhei que fôra enganado, morto! era mentira. Ama como eu. Não a ouves jurar? Maria, espera! Quem falla aqui em morrer? »

— « Meu Deus, meu Deus, compadecei-vos delle. »

E o monge erguia as mãos, em quanto o mancebo voava atraz da visão em que lhe fugia a alma em raptio. — Gomes Lourenço, filho! — dizia o frade — esquece essa mulher . . . olha que vaes morrer. »

— « Eu não posso morrer. A vida não é minha. »

— « Assocega — põe os olhos naquella cruz, e no Senhor, que dalli te chama. Essa mulher trahiu-te. Foi a tua morte. Não te queiras perder mais por ella. »

— « E se aqui viesse, logo, banhada em lagrimas — gritou em grande ancia o cavalleiro, arrastado para outras idéas pelo delirio — quem lhe havia de dizer — « amo-te », « perdo-o-te ! ? »

Depois, cruzando os braços no peito, proseguiu como homem que sisma consigo :

— « Quando eu morrer, não estará frio este coração, e de gello esta bocca — quem lhe ha-de beber as lagrimas, quem lhe ha-de respirar os suspiros ? »

E refulgindo-lhe na vista e no rosto a sombria luz de um enthusiasmo desvairado, abriu os braços, e cerrando o punho ameaçou com elle fechado os inimigos de que a fantasia lhe povoava todo o recinto.

— « Não ! quero viver para a levar nestes braços. Homens-d'armas a mim ! O meu cavallo sellado ; aqui a minha espada. A galope, depressa ! . . . Os cascos fendem-se d'alto a baixo ; as lanças voam em rachas — cavallos e cavalleiros cahem . . . galopa, adiante. »

Passados instantes amorteceu o brilho dos olhos, e deixando descahir os braços, exclamou :

— « Combater por ella, eu ! . . . Onde está o teu orgulho, neto dos Viegas ? A soberba, a perfida, não quero vê-la mais ! »

Dalli, mudando para tom meigo, accrescentava :

— « Vêde-a — lá vaee ! E que gentil que vaee ! Aquellas madeixas negras como folgam lindas ! Que luz a daquelles olhos ! Sorriu-se, chamou-me ! — oh, não, não me podia trahir — os anjos não enganão . . . Mulher, que vens tu fazer aqui ? » — bradeu de repente, recuando com aspecto terrivel, ao tocar no copo. — « Tens pressa de levar aos que te mandaram a conta do meu sangue ? Oh, maldita sejas, em quanto Deus for Deus ! »

E, desvairado, arquejante, cahiu, respirando em soluços altos, como quem depois de lucta larga desfallace exanime debaixo do joelho do veneedor.

Fr. Munio já não sabia o que havia de dizer para acalmar tamanho desespero. O abysmo em que o mancebo se affundava era insondavel. Deus e os homens tinham desaparecido na cega idolatria da paixão.

Aonde iria o pobre monge achar balsamo para aquellas chagas ? Ha afflicções que não se consolam, porque são mais eloquentes do que o discursar do homem, mais fundas e irremediáveis do que a vaidade da sua orgulhosa sciencia. A dôr que abraça a immensidade do coração e do pensamento não se cura com palavras.

Fr. Munio via abysmar diante de si a alma do

infeliz cavalleiro, e chorava porque ninguem tinha força para lhe valer. De repente occorreu-lhe, que Maria Paes, por uma commoção rapida, era a unica que o podia salvar. Sem perder tempo o monge sahio d'alli para se ir deitar aos pés da altiva dama de Lanhos. Mas antes de subir o primeiro degráu, um pagem chegou-se a elle, e disse-lhe de vagar algumas palavras, que fazendo-o levantar as mãos ao céu, lhe mudaram o destino.

À pancada que bateu a porta, fechando-se atraz do frade, Gomes Lourenço poz-se em pé, e aproximando-se do estrado correu os dedos pelo fio nevado dâ cutello, dizendo com espantosa ironia :

— « Como é subtil e cortante a estrada do céu ! »

Conservou nas feições a mesma expressão d'escarneo e descrença alguns instantes. Depois, virando lentamente os olhos para a sepultura rasa, que estava á sua esquerda, apertou a fronte entre os punhos, e exclamou soluçando :

— « Perdão, meu pai ! . . . Castigou-me Deus por te esquecer ! »

E foi ajoelhar sobre a lousa, orando com fervor.

CAPITULO XV.

Como debaixo dos pés se levantam os trabalhos.

D. Zuleima sempre era o judeu mais judeu da Synagoga !

Mas — exclamará o benevolo leitor, — não está D. Zuleima, a esta hora, em Coimbra, pizado dos muros e repellões dos villões-ruins da Portagem e S. Cucufate ? Metteu-se por força em lençoes de vinho. — Qual ! Beber o vinho de certo, porém borrifar lençoes com elle ! . . . pelo amor de Deus, nada de injustiças. Os filhos de Israel e os gafanhotos, antes de haver passarola, eram já os maiores caminheiros do mundo. Perguntem ao judeu errante.

O caso é que o honrado thesoureiro d'el-rei ahi nos cahiu das nuvens mesmo ao pé do alcacer ; em fim não ha remedio, somos philosophos e tolerantes, vamos, demos-lhe as boas tardes.

Incomparavel Cid Hamet Benengeli, gloria dos *hidalgos* e das mourarias ! nunca tu nascêras para desafogo do apoquentado romancista, que ora se apega aos Santos, ora grita por Mafoma, vendo pegar-se o fio, e entramelar-se a transcendente meada das suas invencões. Desespero das novellas, e dos imaginadores de mentiras, a tua sombra é como o spectro do justificado no bofete do auctor da *Ulissea*.

O mais humilde dos teus admiradores, aqui está frio de pedra agora não sabendo para que lado se volte, ou de que chave se valha para abrir as portas (de par em par) ao Sr. D. Zacharias, que são e es-correito — « vaso ruim não quebra » — ahi desce pela quebrada do môrro, baptizado com o apellido aziago « de moção dos Corvos. »

E' gorda e possante a mulla em que o descendente dos profetas (que ainda esperam pelo Messias, loucos!) cavalga com ar de *ancien régime* soffrivelmente parvo. Estriba com o joelho direito á bocca, a perna esquerda interissada, e o corpo em rôsca de parafuzo.

Nesta guapa postura é que se nos apresenta o vulto equestre do Sr. D. Zuleima.

O tempo estava atroz; e moida da viagem por seras intractaveis a mulla aqui patinha nos lodaças; além escorrega nas fragas; e o cavalleiro em cima a encomendar-se a todo o calendario de patriarchas e profetas, com grandes probabilidades porém de estatular as costellas nas pedras que ourissam os trilhos vaidosamente alcunhados com o nome de estradas.

Mas o judeu, que demonio o tentou a intalar o gante entre as portas de Santa Olaia? Perguntarão, e perguntam bem. Segredo d'estado, querido leitor; não to posso revelar. Entre tanto... vamos sempre recebel-o.

Animo! Desça-se a escada de caracol, que rasgaram da torre de menagem ao andar terreo. De vagar; estamos n'um verdadeiro quebra-costas. Chegámos de frente do Templo da gula. Respirêmos um minuto; o enfarruseado Comus remeche as ponderosas certans, e fareja as fumaças, que se enrolam pela gotica chaminé. Aqui são Portugaes velhos; ceiam com ar de dia.

Oh, aquelles homens de armas que diabolica matizada fazem alli ao canto! Sociemos com elles. O leitor, e eu, temos o milagroso anel das fadas; podêmos estar sem que nos vejam.

Os limpa-gamelas das leaes hostes madrugaram! Fazem arraial em plena cozinha, e jogam esperando pela cêa; Vejamos a partida. O bronco taboão, pregado sobre quatro tóros de castanho, treme com os murros, a casa abysma-se com as pragas. São devotos; por força ouviram missa ao levantar da cama. O jogo vai forte. De vez em quando rola pelo chão, amassado com terra e cisco um dos cortiços velhos — escanhos ou moxos em que estão. O dado corrido salta com velocidade.

Os defensores do solar engordam da olha da caldeira, e cantam ou pragueijam, quando tudo chora. Os epos que estallam ao fogo espirram para a cara da heroica chuchadeira nuvens de cinza e faiscas. Defronte chia e palpita n'um fervedouro, n'outra chaminé, a não menos substancial, e muito mais apetitosa refeição dos nobres hospedes de D. Nuno, alcaide.

E D. Zuleima?... D'onde o descobrimos á ponte levadiça é um bocado bom; e no passo que traz, ha tempo de travarmos conhecimento com os habitantes das regiões sombrias. O frio que apanhar, a chuva que lá fóra cahe ás torrentes, e os relampagos que fuzilam, não permittirá Moyses que firam o veneravel nariz do pharizeu fiscal. Se o cumprimentassem com algum deluxo, ou reumatismo, era a primeira vez que o acaso sempre cêgo abria um olho.

Continuemos a vêr os cinco tavoleiros; os quatro;

porque um não joga, não falla, e não prova da beberagem ácida, que espuma nas concas de páu dos seus companheiros. — Aonde ás vezes está a genealogia dos grandes factos sociaes?! Essa bebida, que sorviam aos golles, nada menos era do que a turva limonada, côr de sezões, que se vende hoje a John Bull nos «Public-house» britannicos. O Porter, strong beer, smal beer, com que hoje nos inglezamos em Portugal, naquelles tempos rusticos existia já na mais abominavel crassa, e gallega cerveja, que ainda fermentou de cevada. Assim começou a cerveja. *Alta moenia Romæ...*

Agora escutemos a conversação dos homens d'armas.

— «Quero vêr se ainda ateima.» Berrava um com os olhos affogueados, e mordendo os beiços.

— «Septe... Ganhei! Vê lá se ateima.»

— «Queimado sejas tu, e os dados com D. Pilatos. Quero outro. Ha-de cançar.»

— «Outro? Perdes; verás.»

— «Tripas de Judas!...» — gritou um terceiro largando o jogo, e empinando a conca de serveja. «Peph... azeda como cauda de judeu. Não ha nada como o vinho.»

— «Ah!... E' fria, mas não é ruim a bebida.» — exclamou o quarto, pouzando a conca com o estallido de lingua, e o suspiro lavado de boffes que um brasileiro chamaria os «quindins da borracha.» Depois, lambendo os beiços, continuou: — «Não me dirás, Sisanando-Pé-rombo, que dobadoira é esta, em que anda tudo?»

— «Eu sei Palaio Eriz. Hontem soltou-se o demonio aqui. Debaixo d'agoa vieram, e debaixo d'agoa foram aquelles cavalleiros. O que chegou depois está emparedado na ermida; a Sr.^a D. Maria Paes, (Deus a ajude!) na torre lá em cima... grande novidade Pelaio Eriz, «grande novidade.»

— «Mas o que é, homem?»

— «Apostar, que o sabe Tello Ervigiz, o valido?»

— «Talvez não.»

— «Sabe, sabe, a elle contava-se tudo. Olé, Tello, villico, verdugo?»

Tello Ervigiz, que era o unico silencioso e quedo no meio do arruido geral, á palavra verdugo, ergueu o pescoço, e olhou espantado em redor de si.

— «Não te dizia eu, Sarraceno? Ficaste sem punhal. E agora a desforra?»

— «Um dardo, que te atravessasse.»

— «Podias jogar o cinto; Não é máu. Então; vai o cinto contra o punhal?»

— «Não, com mil raios!... Estevão Alho, ou cebolla, eh! A cêa é alma do purgatorio, que não se tire do lume?» gritou o desesperado tavolleiro.

Estevão Alho, tomava pela decima vez um suadoiro de cabeça, com o nariz a prumo sobre as certans. Ouvindo aquella accusação desarrasoada, acabou de mecher com a colher de páu o guizado que temperava, e batendo-a na borda da caldeira, voltou-se para responder com todo o socego:

— « Se tens pressa, Sarraceno, compra azas. »

Dito isto o Vulcano das fornalhas poz-se a amanhoar um quarto de veado, que tirou do gancho pendente do panno exterior da chaminé.

— « Oh, lá, dom fuinha, aviar, ou vai o punhal espetar-te as costellas. »

— « Um! » replicou Estevão Alho, sorrindo, e arregaçando os labuzados beiços.

Aquelle *um!* e o vibrar de cabeça, que lhe completava o sentido, expremiam a confiança do artista culinario na sua enviolabilidade.

De feito logo todos os outros se interpozeram gritando: — Leva rumor! — Quem joga, perde e ganha. »

— « Mas Tello Ervigiz » — insistia, entre tanto, Pelaio Eriz « não me dirás o que são aquellas luzes da torre maldita? »

— « São luzes. » Retrucou brutalmente o solarengo.

— « São luzes! . . . mas para que? »

— « Não sei. »

— « Não sabes?! »

— « Já disse. »

E com aspecto carrancudo, Tello deixou o infatigavel perguntador.

— « Sisnando Pé-rombo, olha o villão inchado do papo! » — disse o curioso, encolhendo os hombros.

Repicava a trindades o sino da ermida e os homens d'armas, desbarretando-se, ajoelharam. Quando se levantavam não viram já Tello Ervigiz. — Á porta, espreitando para dentro divisaram os rostos gaiatos de dois pagens, um de Maria Paes, e o outro de seu irmão.

— « Os pagens! » — rosaram os villões, e tudo emudeceu.

Assim callados, as panellas a chiar ao fogo, e a chuva a bater de fóra, começaram a ouvir-se uns roncões tremulos e assobiados, muito semelhantes aos dois, ou tres arrancos da gaita de folles, que em desgarrada gallega ao Espirito Santo descalço garoto, pé ante pé, sura e espipa nas mãos do Tyrteo de Tuy, que a passeia ufano. Os roncões partiam do aposento proximo, separado da cozinha por um patim e seis degraus. Os homens d'armas olharam uns para os outros, e os pagens desataram a rir.

— « Não é nada » disse com a costumada concisão o illustre Estevão Alho, sem se alterar. — Ha-de ser o leigo que rressona.

— « Um leigo?! » exclamaram os pagens, redobrando as risadas; dahi virando os calcaphares á cozinha, partiram directos ao sitio onde repousava o devoto roncadador.

Deixemol-a nós tambem, e vamos seguindo os Srs. pagens. Não tinha nada de estreito o aposento, em que entraram, e com tudo a larga meza do meio, e uma arca de castanho velha, quasi que o tomavam todo. Sobre a tampa da arca, via-se o mais roliço e abrutado corpo, que engordou Tinello monastico. O

lampadario dava-lhe de chapa com a luz na cara, e para se resguardar da importuna claridade, a mão direita cubria os olhos. Uma cabeça redonda e rapada; barbas crespas e compridas, que chegavam á cintura; beiços grossos, e faces assopradas como hexigas da côr do crasso vermelhão de que os conegos e priores assarapantam os monumentos goticos, proclamavam, que o mandrião serafico tinha feito pacto com a marmita, e cruces ao jejum. Esta guapa creatura era o Barbato, ou leigo de Fr. Munio, do mais austero monge de Cister.

— « Fernam Pires, que bella sesta dorme sua reverencia! » disse um dos pagens.

— « E menos mal agazalhado! » retrucou o outro.

Fernam Pires, tinha os mais travessos e maldosos olhos pretos, que ainda faisaram debaixo de palpebras portuguezas. Vasco Lourenço, nas pupilas azues dos bens rasgados — « astros de Cupido » como diria um poeta da « Pheniz Renascida », tinha uma candura velhaca, que denotava boa vontade de se divertir.

— « Como veiu aqui este figurão? »

— « Com Fr. Munio. »

— « Ah! . . . Santo Antonio trouxe o seu porco? »

— « Pois não sahe do castello sem uma peça fallada. »

— « Boa palavra Vasco Lourenço. Qual? »

— « Veremos! »

E, nos bicos dos pés, cortou de leve com o punhal o cinto d'esparto, que franzia a longa tunica do Barbato. Enrolou-lha nos pés, e em passo subtil retirou-se do logar aonde praticara esta gentileza.

Quando transpunham os umbraes sentiram rumor de vozes; e logo ouviram ranger as cadeias, que alavam a levadiça.

— « Temos hospedes. » disse Vasco Lourenço.

— « Vamos vêr » replicou Fernam Peres. E ambos foram dar de cara com o importante personagem, que era causa de tamanho alarido. Saberá o leitor, que é chegado em fim D. Zuleima a Santa Olaia.

Em quanto elle aeompanha á estrebaria a boa mulha de jornada, voltemos atraz para indagar um pouco das manhas e feitos do leigo, que a garalhada daquella gente toda não interrompeu nas harmonias do immortal fagote.

A fr. trolho, ou fr. tunel — como lhe chamava o povo, puzeram na pia baptismal o nome de Muninho. Era um heroe taful e esperto, que dos doze annos em diante viveu de fazer logros ao profano, e mal contou os trinta, divertiu-se em pregar calotes ao divino. Eloquente como Demosthenes a giria servia-lhe de visco para apanhar as victimas. Devoto de Bacho, e guloso como o imperador Vitelio, o estomago desmanchou muitas vezes o que a cabeça tinha arranjado. Almudeiro do concelho, semelhante ao procurador de Bocage, nunca almodou bem senão para si. Um dia o mordomo cumprimentou-o com sessenta açoutes, e

a promessa de o estourar, se puzesse outra vez os pés no seu « açouge » (o sitio-bazar onde se vendia). Dom Muninho escandalizado por este acto brutal, apenas se restabeleceu da surra, espreitou o mordomo, e uma noite, desancou-o, até ficar a pedir confissão; — moeu o verdugo; e estropeou um clérigo maldizente, origem da estrondosa exauthoração. Depois, levando nos lombos o famoso « *Siquis sudante diabolo clericum percusserit* » sacudiu a poeira ás portas da ingrata Braga, e deu comsigo em Coimbra, para castigo dos parvos, e regozijo dos tavoleiros e almocreves de vinho de quem era o mais assiduo freguez.

A sua existencia, em Coimbra, foi um romance de desaforos e devassidões de toda a especie — um romance *picaro* na extensão do vocabulo hespanhol. Entretanto D. Muninho grangeou tão dilatada reputação, e cahiu de tal modo nas affeições populares que seriamente principiou a occorrer-lhe, que tudo isto podia vir a acabar em no pendurarem pelo pescoço para conversão das virtuosas pessoas do seu officio, e alegria dos farricoucos e beatas, da leal cidade, que o apontavam com o dedo, como seductor, ratoneiro, trubão, e herege.

L. A. Rebello da Silva.
(Continua).

THEATRO DO GYMNASIO.

Uma nova producção muzica do Sr. Miró acaba de subir á scena neste theatro. *A Marqueza* é uma opera-comica escripta com gosto e espirito, em que se sente ás vezes o sabor especial da muzica peninsular: é com tudo para sentir que esta peça não fosse mais inspirada pelas melodias populares portuguezas; que o auctor sacrificasse tanto á eschola italiana.

Nós precisamos cultivar a muzica entre nós, mais do que até hoje temos feito; necessitamos formar uma eschola portugueza, porque a não temos: para isso porém é indispensavel que os compositores esqueçam as bellezas da muzica italiana, e se dediquem ao estudo das cantigas populares, rudes, sem arte, mas que teem uma melancolia e uma simplicidade que encantam.

O Sr. Miró é um artista de talento; mas é um artista italiano nas suas composições, e não portuguez. Quizeramos vê-lo applicar-se mais á observação das nossas cousas; dahi resultaria vantagem para a arte portugueza, e gloria para elle. Se o Sr. Miró fosse nacional nas suas melodias, necessariamente havia de ser mais original.

E' com tudo digna de elogios a sua muzica da *Marqueza*: merece consideração o homem que nesta terra, onde as artes são tratadas com tão pouca estimacão, dedica as suas locubrações ao estudo da arte.

A Marqueza foi estudada com esméro pelos actores do Gymnasio, e desempenhada com bastante graça. Este theatro é merecedor de que o publico o auxilie;

filho dos exforços de artistas, sem apoio de nenhum homem poderoso, tem feito progressos rapidos, e tem tido melhoramentos sensiveis.

POESIA.

PENSATIVA!

AO MEU AMIGO

O SR. J. DA S. MENDES LEAL JUNIOR.

Onde vás tão pensativa,
Como se fôras captiva,
Os olhos fitos no chão?
Essa nuvem de tristeza
Como realça a belleza,
Na pallidez da paixão?

Caminhando descuidada
A madeixa desatada,
Onde vás, tão triste, assim?
Vais como a roza pendida
Que na torrente da vida
Se debruça e cai alfim?

Foi vago presentimento,
Foi um negro pensamento,
Que n'alma te esvoaçou?
Foi saudade? foi desejo
Que nos rubins de teu pejo,
Uma perola engastou?

Murcharam todas as flores
Onde tinhas teus amores,
Quebrou-se o verde rozal?
Seccou-se a fonte de prata,
Teu rosto já não retrata
Como se fôra um cristal?

Estalou-te a corda d'ouro,
Das harmonias thesouro,
Da tua harpa de marfim?
Vagas agora perdida,
Caminhas como esquecida
Que teus martirios tem fim?

Do livro do teu romance
Rasgaram-lhe o terno lance
D'infantil — singello amor?
Foi a pagina sentida,
Que tinhas quasi aprendida
Marcada com murcha flor!

Foi a pagina tão triste,
Que mil vezes repetiste,
A' beira d'agoa a gemer,

Quando vinha a meiga lua
A mostrar na face nua
Tuas lagrimas correr?

Acaso perdes-te a esp'rança
De teu amor de creança,
N'um desengano fatal?
Julgavas tudo pureza?
Sentes agora incerteza,
Já crês no genio do mal?

O anjo de branca alvura
Com as azas de luz pura,
Já não viste hoje passar?
O teu sonho transparente
Apagou-se de repente,
E julgas, inda sonhar?

Coitada, triste, coitada!
Branca roza desfolhada,
Tão cedo sem compaixão!
Tu passás-te como as flores
Vivendo um dia d'amores
No outro... morta no chão?

Mas que importa ao mundo vario,
Se te involves n'um sudario,
Ou se arrastas negro véu?
Se és afilhada da desgraça,
Se és um anjo que passa,
Ou uma estrella do céu?

Mas a mim que choro os cantos
Como tu choras nos prantos,
Me revellas a Poezia!
Sóltas n'um echo divino,
Em cada suspiro um hymno,
Cada ai n'uma harmonia!

A. E. Zaluar.

NOTICIAS.

Em 18 de Outubro.

PRAÇA DE LISBOA.

No dia 14 de Outubro o preço dos fundos foi o seguinte:

| | Compra | Venda |
|------------------------------|---------|---------------|
| Notas do Banco de Lisboa | 1,920 | 1,900 |
| Tres operações | 20 | 22 |
| Inscrições de 5 por cento | 47 | 48 |
| Ditas de 4 por cento | 40 | 41 |
| Papel-moeda | 11 | 12 m. forte |
| Titulos antigos (azues) | 6 | 8 |
| Escriptos para as alfandegas | 88 | 90 |
| Na 6.ª parte | 84 | 85 |
| Acções do Banco de Portugal | 436,000 | 440,000 |
| Ditas das Lezírias | 360,000 | 370,000 |
| Ditas — Seguro Firmeza | 380,000 | 370,000 |
| Ditas — Fidelidade | 20 a 22 | por cento pr. |
| Ditas — Omnibus | 70,000 | 75,000 |
| Ditas — Pescarias | 27,000 | 28,000 |

| | | |
|--------------------------|---------|-------------|
| Ditas — Vapores do Têjo | 19,200 | 21,000 |
| Ditas — União Commercial | 56,000 | 58,000 |
| Ditas — Fiação e Tecidos | 70,000 | 72,000 |
| Ditas — Valla d'Azambuja | 100 | por acção. |
| Obras Publicas | 2 1/2 | 3 por cento |
| Confiança Nacional | 385,000 | 389,000 |

ALFANDEGA DO TERREIRO.

Movimento dos cereaes de 6 a 12 de Outubro de 1848.

| | Trigo | | Cevada | | Milho | | Cevada | |
|------------|-----------|-----------|-----------|-----------|-------|-------|--------|-------|
| | moios | alq.ª | moios | alq.ª | moios | alq.ª | moios | alq.ª |
| Entrada | 742 | 47 | 53 | 48 | 372 | 53 | 37 | 59 |
| Despacho | 704 | 40 | 184 | 8 | 35 | 27 | 10 | — |
| Existencia | 7609 | 46 | 2428 | 42 | 977 | 7 | 167 | 57 |
| Preços | 380 a 460 | 220 a 260 | 320 a 360 | 280 a 320 | | | | |

AVISO.

Participa-se a todos os Srs. Assignantes das provincias, que os Agentes a quem se devem dirigir, e entregar qualquer quantia pertencente ao jornal são os seguintes:

S. Lourenço do Bairro Mialhada, correspondente em Aveiro, José Simões de Paiva. — Midões, em Vizeu, Antonio da Silva. — Mialhada, Condeixa, Tentugal, em Coimbra, José Joice. — Alemquer, em Villa Franca de Xira, D. Maria Jacintha Salgado. — S. Miguel, Filippe Maria Bessone. — Fundão, Guarda, Mangualde, na Covilhã, Antonio Joaquim da Silva Junior. — Castro Verde, Campo Maior, em Portalegre, José Anastacio Dias Grande. — Angra, Terceira, Frederico Ferreira Campos. — Villa Nova de Milfontes, Odemirã, Campo de Ourique, em Sines, Joaquim Pires de Mattos. — Quiaios, Alhadas, Maiorca, Cadima, na Figueira, Ignacio Fernandes Coelho. — Soure, Pombal, Marinha Grande, em Leiria, Miguel Joaquim Leitão. — Penha Garcia, Idanha Nova, Pena Macôr, Sigura, Rosmaninhal, Sarzedas, Alpedrinha, em Castello Branco, Francisco José Mourão. — Ovar, Oliveira de Azemeis, na Feira, Bernardo José Corrêa de Sá. — Ponte de Lima, Vianna do Castello, Vianna do Minho, em Vianna, Luiz Manuel Monteiro. — Freixas, em Mirandella, José Bernardo Pinto Saraiva. — Povoá do Lanhoso, em Braga, João Antonio d'Oliveira Braga. — Portel, Serpa, Villa de Frades, em Beja, José Ricca. — Peniche, em Attouguia da Balea, Francisco Manuel Velloso da Horta. — Fayal, Manuel Alves Guerra. — Olhão, Loulé, em Faro, José Bento Dias Ferreira. — Monte Alegre, em Chaves, João de Sousa Pinto de Barros. — Funchal, Madeira, Goulde Roupe & C.ª — Villa Nova de Portimão, Alcantarilha, em Lagos, Januario José Simões. — Esposende, em Barcellos, Francisco José Pereira Braga. — Alpalhão, em Extremoz, Joaquim Felizardo da Cunha Ozorio.

NA IMP. DA EPOCA. — TRAVESSA DO GUARDA MOR N.º 8.